

Foucault e Guattari: notas diagramáticas entre microfísicas dos poderes e micropolíticas dos desejos

Foucault and Guattari: diagrammatic notes between microphysics of powers and micropolitics of desires

Luiz Manoel Lopes

<https://orcid.org/0000-0001-5266-3680> - E-mail: manoel.lopes@ufca.edu.br

RESUMO

O artigo busca expor as relações entre Michel Foucault e Félix Guattari em relação aos poderes e às políticas contemporâneas. Os motivos destes delineamentos são os de sublinhar as aproximações entre dois pensadores que são imprescindíveis para pensarmos e agirmos em direção às resistências diante dos meios que veiculam a barbárie.

Palavras-chaves: Foucault. Guattari. Microfísica. Micropolítica. Poder.

ABSTRACT

This article seeks to expose the relationships between Michel Foucault and Félix Guattari in the relationship to farms and contemporary politics. The reasons for these delineations are to be sublined into the approximation between two thinkers who are essential for us to think and act in the direction of the resistances before the means that convey barbarism.

Keywords: Foucault. Guattari. Microphysics. Micropolitics. Power.

Introdução

As relações entre pensadores do século XX nos chama atenção, principalmente quando buscamos pesquisar o que aconteceu na cena parisiense das décadas 60, 70 e 80. Em nossas pesquisas sobre essa época, dentre os nomes mais insubmissos, encontramos certamente o de Foucault e Guattari, na medida em que questionam as normas e relações de poder presentes nas instituições francesas.

Em nosso estudo, nos propomos então a apresentar algumas aproximações dos trabalhos de Michel Foucault e Félix Guattari. O primeiro aparece no rol dos pensadores franceses que percorreram o mundo filosófico contemporâneo, através de contribuições em torno das relações de poder vinculadas aos modos de subjetivação e biopolítica. E, em relação ao segundo, Félix Guattari: o que podemos dizer? Quais são os predicados que relacionaremos ao suposto “sujeito” Félix? As respostas são inúmeras, dentre elas diremos, de início, que Félix Guattari não seria um sujeito pronto e detentor de conhecimento, e sim constituído através de processos de subjetividades esquizas, insubmissas, composto em parte por suas experiências em trabalhar com os psicóticos na Clínica *La Borde*. A partir disso, poderíamos começar tentando aproximar os sentidos de *modos de subjetivação* em Michel Foucault e *produção de subjetividade* em Félix Guattari, ao passo que parecem estabelecer um encontro disruptivo no que diz respeito às possibilidades de sermos transformados.

Guattari e Foucault: linhas de aproximação

As linhas iniciais deste artigo sobre as aproximações entre Guattari e Foucault seguirão os percursos em torno do que o primeiro denomina de *ferramentas conceituais*. A partir destes apontamentos, tais ferramentas conceituais podem ser vistas como dispositivos que são montados não segundo regras pré-existentes e transcendentais. Os circuitos em que tais ferramentas incidem, por exemplo, são campos onde Guattari encontra meios de escavar os solos onde os saberes aparecem, independentemente de critérios transcendentais ou transcendentes que possam emergir. Os circuitos em que iremos nos deter são aqueles que remetem para as mutações ocorridas após o impacto dos “quase transcendentais”, isto é, instâncias de organização diagramática que permitem novos campos de investigações acerca do funcionamento da vida, do trabalho e da linguagem em conjunto.

A finitude constituinte de tudo o que existe é um dos modos que nos permite pensar nas modulações reflexivas das filosofias transcendentais e da metafísica acerca dos sentidos do humano. O pensamento que mantém suas atenções sobre a finitude tende a sublinhar a posição do sujeito humano mediante as vicissitudes ofertadas pela exterioridade. O sujeito humano convivendo com as populações apreende as vulnerabilidades em torno dos seguintes aspectos: 1) O corpo que pode adoecer; 2) Há múltiplas línguas no mundo que impedem as boas circulações entre povos distantes e distintos; 3) Há o trabalho para encontrar as melhores maneiras para transformar os meios materiais.

Guattari enfatiza em Foucault as preocupações em elencar os problemas concernentes aos modos de nos tornarmos sujeitos de nosso tempo. Os problemas relativos aos espaços institucionais aproximam estes dois pensadores, que passam a pesquisar novas maneiras de tratar das subjetividades que divergiam das espacialidades habituais. Nos textos de Guattari, sobre os temas que ele tanto aprecia, como o da subjetividade e o do inconsciente, na esteira de Foucault, encontraremos as preocupações com as formações das psicopatologias juntamente com os

seus espaços de confinamentos. Para Guattari, Foucault se destaca e sobrevive através dos tempos pela sua inclinação filosófica para “os problemas mais urgentes”. Vejamos:

Acredito que o que é bastante raro e que talvez se preste à descoberta, na forma como o pensamento de Michel Foucault está destinado a sobreviver, é que ele abarca melhor do que nunca os problemas mais urgentes das nossas sociedades, até mais longe, note, nada tão elaborado foi apresentado e sobre o qual todas as modas já obsoletas do pós-modernismo e do pós-politismo já perderam os dentes! (GUATTARI, 2004, p. 73).

Félix Guattari acentua então os modos como Foucault pensa a banalidade que perpassa as nossas análises em relação aos mais variados discursos. Diz também sobre as maneiras de constituirmos ordens discursivas e disposições corporais a partir de novas relações com o espaço. O que importa a Foucault, na compreensão de Guattari, não é tratar do espaço como forma pura e vazia, mas sim aquele que traz o diagrama de como os corpos passam a ocupá-lo e quais movimentos são disciplinados para que suas execuções sejam aceitas. Observemos:

A essência da abordagem de Foucault consistiu em distinguir-se conjuntamente de um ponto de partida que o levou a um método de interpretação hermenêutica do discurso social e de um ponto de chegada que poderia ter sido uma leitura estruturalista, fechada sobre si mesma, deste mesmo discurso. Foi em *A Arqueologia do Saber* que ele realizaria esta dupla conspiração. Foi aí que ele se libertou explicitamente da perspectiva, que era a sua primeira na sua *História da Loucura*, ao proclamar que não se tratava mais de “interpretar o discurso para fazer através dele uma história do referente” (*A Arqueologia do Saber*, p. 64-67) e que pretendia, a partir de agora, “substituir o tesouro enigmático das coisas” anteriores ao discurso, pela formação regular de objetos que só nele se concretizam (GUATTARI, 2004, p. 74).

Por conseguinte, os objetos, pelos quais as diversas modalidades de ciências procuram assegurar suas consistências, não são passíveis de serem tornados alvos do como os próprios discursos os designam e significam. As garantias que os sujeitos supostamente possuem, para discursarem sobre os objetos, são segundo Foucault derivados dos diversos campos (especializados) de saberes. A arqueologia do saber foucaultiana procuraria justamente apresentar os nascedouros dos mais diversos tipos discursivos nos espaços.

As preocupações de Foucault já em relação aos problemas decorrentes dos espaços de confinamento, como àqueles que se desdobram desde a *História da Loucura* e que se reapresentam no ambiente do Hospital Geral, serão retrabalhados por Guattari a partir do que começara a ocorrer no seu encontro com Foucault. As pesquisas foucaultianas em torno das genealogias e dos equipamentos coletivos, com ênfases nos hospitais psiquiátricos, levam Guattari a se debruçar sobre estudos de medicina social.

Os movimentos de pensamento de Foucault e Guattari acerca das instituições eclodem assim na década de 70 do século XX. É nessa época que as pesquisas e intervenções de Foucault começam por associar as relações entre o poder sobre os corpos e as novas modalidades de arquiteturas e urbanismos. As indicações das proximidades entre Foucault e Guattari são destacadas por Shigeru Taga quando apresenta as pesquisas do primeiro em meados dos anos 70.

Paralelamente aos seus cursos no Collège de France, aberto em princípio ao público em geral, Foucault conduziu seminários mais ou menos fechados para o qual jovens pesquisadores deram suas contribuições com base em ação de suas especialidades. O tema abordado para o ano 1973-74 foi sobre a arquitetura do hospital no século XVIII.

As pesquisas realizadas foram publicadas como parte integrante do livro intitulado *Genealogia dos equipamentos coletivos* e depois reunidos novamente sob o título *As máquinas de cura* (TAGA, 2014, p. 99).

As contribuições de Taga para acompanharmos as pesquisas de Foucault no encontro com Guattari são imprescindíveis. Os pontos que recortamos são aqueles que sublinhamos quando das críticas de Foucault às análises da economia política e linguística da época: 1) no domínio do trabalho, as ênfases seriam dadas às relações de produção; 2) no que envolve o âmbito da linguagem, as relações de significação, em detrimento do sentido, passariam a ganhar todas as luzes.

As relações de poder nos possibilitam então compreender como os corpos que atuam tanto na produção das riquezas quanto nas suas administrações possuem uma longa história. As preocupações de Foucault, em relação às mudanças que ocorreram na medicina, sinalizam processos para a higienização dos corpos. As mudanças ocorridas na medicina do século XVII ao XX deixam em relevo como os corpos passaram a ser higienizados para que pudessem majorar suas forças, para moverem a produção do capitalismo e consequentemente do mercado.

Ora, os corpos que passam por processos de higienização pública possuem mentes, possuem também sua dimensão inconsciente. As relações que serão enfrentadas pelos corpos que perderam a razão, no caso da loucura, dizem respeito aos problemas dos espaços dos hospitais psiquiátricos e à expressão do inconsciente. As mentes destes corpos passam por outras modalidades de higienização, a saber, dos processos de normatização do campo da saúde mental.

Shigeru Taga nos orienta quando nos convida a perceber como Guattari detecta as sutilezas trazidas por Foucault, principalmente, quando assinala, após Maio de 68, os colapsos dos modos hegemônicos de pensar a política. As ênfases dadas por muitos pensadores marxistas franceses (sobretudo, Althusser) ao tempo concernente à história e às relações de produção, quando das análises do capitalismo, passam a ser questionadas. Do mesmo modo, as relações entre o inconsciente e a linguística quando o assunto é a função da estrutura significante no campo social (como a exemplo do psicanalista Jacques Lacan), passam ao largo daquelas que dizem respeito aos movimentos e gestos pelos quais os corpos se insurgem contra relações disciplinares em determinados espaços.

Desse modo, as contribuições de Foucault, quando vem a trabalhar as questões que envolvem a vida, nos permite afirmar que as relações de poder, diferentemente daquelas de produção e significação, serão encaminhadas para um novo tipo de política que tem os corpos como aportes revolucionários. Ora, mas nenhum corpo de um ser humano pode funcionar separado da subjetividade em suas formações também inconscientes, tais nuanças nos levam a compreender como Guattari, nas micropolíticas dos desejos, se encontra com Foucault, nas microfísicas dos poderes.

As pesquisas e ações conjuntas, realizadas por Foucault e Guattari quando de suas colaborações no CERFI, foram endereçadas justamente às políticas de medicalização que ocorreram principalmente na passagem do século XIX para o século XX. Guattari pensa os conceitos como ferramentas e as teorias como as caixas que as contêm. As teorias são inseparáveis das relações de poder em que os conceitos aparecem, as composições teóricas surgem em meio às ordens discursivas. A leitura de Foucault mediante a constituição de uma história da loucura e as ordens do discurso permite assim a Guattari conectá-las em suas análises em torno das relações entre as instituições, o inconsciente e uma diagramática dos desejos e dos espaços

Guattari e Foucault: das relações entre poder e desejo nas instituições

As nossas investidas irão ao encontro dos modos de subjetivação e de produção de subjetividade, dois conceitos elaborados, respectivamente, por Foucault e Guattari, dos quais nos utilizamos aqui para tematizar as relações entre corpo e inconsciente a partir dos espaços disciplinares. As nossas questões procuram destacar que as relações entre corpo e inconsciente também implicam aquelas entre poder e saber sobre o espaço. Os modos que os dois pensadores tratam do espaço, enquanto elemento imprescindível para pensarmos as microfísicas dos poderes e as micropolíticas dos desejos, nos levam a focar no seguintes pontos: 1) como os corpos passam a ser submetidos às condições possíveis de obediência e docilidade?; 2) como as formações do inconsciente passam a repetir as condições disciplinares em suas mínimas relações?; 3) como os corpos podem promover divergências a partir das forças do inconsciente?; 4) como as subjetividades podem coletivamente resistir através dos desejos, produzindo novas afetividades e sociabilidades?

Shigeru Taga apresenta, em seu artigo, “Foucault e Guattari na encruzilhada da teoria do micropoder e psicoterapia institucional”, os trabalhos em conjunto entre os dois autores em torno dos espaços, principalmente dos hospitalares. As questões que envolvem a vida, em seus problemas sociais, sempre estiveram presentes nas pesquisas de Foucault. Podemos dizer que uma forma insurgente de política dos corpos também esteve presente tanto nos estudos foucaultianos como nos de Guattari.

Muitas vezes falamos sobre a amizade entre Foucault e Gilles Deleuze, mas no que diz respeito às relações entre Foucault e Félix Guattari, um curioso silêncio reinou até hoje (exceto uma conferência pelo próprio Guattari, do qual falaremos mais adiante). Ainda, embora tenha sido um período bastante curto, eles construíram um relacionamento de colaboração que foi estabelecido com base na sua consciência comum relativamente aos problemas sociais da França na década de 1970 (TAGA, 2014, p. 99).

Taga nos chama atenção para as preocupações de Foucault em relação ao que diz respeito também ao trabalho e à linguagem. Vale salientar que as aproximações com as análises de Foucault em relação à vida, ou às políticas da vida (biopolítica), passam a ser constituídas nestes novos modos de considerar a arquitetura e urbanização das cidades, onde os hospitais ganham relevância em termos de novas espacialidades, pois, segundo Taga, “a vida, de fato, é o que continua sendo o tema principal do pensamento de Foucault desde suas primeiras reflexões sobre a história da medicina clínica e psicologia até aqueles que exploram a história da sexualidade entre gregos e romanos” (TAGA, 2014, p. 99).

Os temas que envolvem as microfísicas dos poderes e as micropolíticas dos desejos posuem como desideratos as imposições de sentido ao que se denomina vida. No entanto, assim como em Kant, existe uma preocupação em Foucault sobre as relações entre a Filosofia enquanto faculdade inferior e as ditas faculdades superiores como a Medicina, Direito e Teologia. Vemos as linhas críticas traçadas por Foucault, nesse conflito das faculdades à la Kant, uma filosofia crítica também voltada ao discurso médico, incidindo sobre os corpos, e ao discurso jurídico, incidindo sobre as ações dos sujeitos: são estas linhas, sobretudo, que indicam ser levadas em consideração por Guattari para abordar as tramas da constituição diagramática de subjetividades.

O encontro com Foucault abriu a Guattari novos planos. Os discursos que decorriam das modalidades de apresentar objetos, em meio das análises concernentes à economia e linguística, diante das preocupações com a finitude humana, deslocavam-se para os entes que formam

conglomerados, territórios, populações e sociedades. As transformações discursivas, em torno do trabalho e linguagem, trazem outras abordagens que não as da sustentação teórica provinda da filosofia da história hegeliana e do estruturalismo. Em relação aos *quase transcendentais* – trabalho, linguagem e vida –, podemos dizer que Foucault não deixa de “orientar” Guattari em seus afastamentos em relação à dialética e à semiologia.

A preocupação de Guattari em relação ao “quase-transcendental” denominado vida, o leva a pensar em estudar as relações de poder em torno não apenas dos corpos e espaços, como já fizera Foucault, como também do inconsciente. Ora, os corpos, no caso do homem, são inseparáveis das suas mentes. No que diz respeito às relações de poder que aparecem nos discursos médicos, não podemos deixar de sublinhar que estas são inseparáveis dos espaços hospitalares e também das dimensões de um inconsciente que é produzido maquinicamente. O tratamento do poder médico dado ao corpo não é o mesmo dado à mente. Em que medida as ciências médicas elaboraram discursos sobre as patologias do corpo de modos distintos daqueles dados à mente?

Taga fornece aportes sobre as proximidades de Foucault e Guattari quanto às problematizações dos espaços institucionais. Nunca podemos deixar fazer de suas citações um meio de compreender estas zonas de contiguidade:

O período que nos interessa é, portanto, entre 1972 e 1974, quando Foucault concentrou sua pesquisa na relação entre a medicina e o estado moderno. Ao mesmo tempo, Guattari, que publicou *L'AntiEdipe* em 1972 com Deleuze, criou o CERFI, Centro de Estudos, de pesquisa e formação institucional, na qual François Tosquelles, Jean Oury, bem como figuras importantes que contribuíram para o desenvolvimento do sistema setorial em psiquiatria tipos, como Georges Daumézon, Lucien Bonnafé, Philippe Paumelle, etc. (TAGA, 2014, p. 101).

O problema do espaço é um dado importante para sentirmos como as microfísicas dos poderes e as micropolíticas dos desejos se misturam aos do inconsciente e do corpo. A utilização do termo microfísica do poder aparece nas análises precisas de Foucault em torno das sociedades disciplinares centradas na vigilância e punição. As preocupações de Guattari em relação à produção de subjetividade e às formações do inconsciente trazem as contribuições de Foucault para as suas pesquisas, sobretudo, quando assinala as relações de sujeição dadas entre alma e corpo.

Mas não devemos nos enganar: a alma, ilusão dos teólogos, não foi substituída por um homem real, objeto de saber, de reflexão filosófica ou de intervenção técnica. O homem de que nos falam e que nos convidam a liberar já é em si mesmo o efeito de uma sujeição bem mais profunda que ele. Uma “alma” o habita e o leva à existência, que é ela mesma uma peça no domínio exercido pelo poder sobre o corpo. A alma, efeito e instrumento de uma anatomia política; a alma, prisão do corpo (FOUCAULT, 1987, p. 33).

Dessas relações de sujeição, entre os modos de Guattari pensar a produção de subjetividade e as de Michel Foucault pensar os modos de subjetivação, há também novos meios de expressão das subjetividades, na elaboração de diagramas pelos quais resistem às imposições das ordens discursivas. Colocam-se em jogo as dimensões produtivas das enunciações que elaboram desvios em relação à linguagem e à fala e, por conseguinte, ao inconsciente. As recusas em consentir que os discursos possuem formas normativas e disciplinares, mostram sua soberania em relação aos signos, modos pelos quais podem também servir de meios não apenas para designar objetos, como para criá-los. Os signos, no contexto de toda uma tradição “perniciosa” estruturalista da linguagem, são vistos por Foucault como um conjunto fechado de elementos significantes que atribuiriam sentido ao mundo. Vejamos:

Isto porque, de facto, após um período de hesitação, ele (Foucault) passou a considerar como perniciosa qualquer abordagem estruturalista que consistisse em “tratar os discursos como conjuntos de signos (de elementos significantes referentes a conteúdos ou representações)”: ele pretende compreender esses discursos a partir de o ângulo das “práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam”. E acrescenta: “Certamente os discursos são feitos de signos; mas o que eles fazem é mais do que usar esses sinais para designar coisas. É esta vantagem que os torna irredutíveis à linguagem e à fala” (Arqueologia do saber, p. 66-67) (GUATTARI, 2004, p. 75).

Guattari sempre nos chama atenção, no que diz respeito à linguagem e ao inconsciente, sobre buscar espaços de liberdade para aquelas vozes que geralmente são silenciadas. Em relação aos novos modos de expressão inaugurados por Guattari, na esteira de Foucault, buscaremos tratá-los a partir dos seus afetos aproximados pelos diagramas.

Guattari e Foucault: o encontro a partir do CERFI e diagramas das subjetividades

O encontro destes dois pensadores ocorreu por possuírem o mesmo intuito de tratar das formações dos discursos como inseparáveis daquelas que dizem respeito às relações entre saber, poder, desejo e campo social. A realidade das relações de poder não pode ser explicada por uma filosofia da história que apenas se orienta pelas posições dialéticas em torno da contradição; a realidade do desejo não pode ser explicada pelas estruturas simbólicas que levam às sublimações apaziguadas. O encontro de Foucault e Guattari são concomitantes às conversações e práticas em torno das pesquisas que se encaminham em direção às formações dos discursos e das instituições.

A abordagem genealógica que Foucault toma emprestado de Nietzsche permite uma ruptura decisiva com Hegel ao não atribuir o nascimento de uma coisa, de um corpo ou de uma instituição à sua utilidade. Pelo contrário, é através de uma sucessão de processos de subjugação que essa coisa, essa instituição ou esse corpo toma forma e aparece. E Foucault mostra que o que precisa ser esclarecido é o golpe de força que os engendrou, um golpe de força que rompe todos os sistemas de uso que prevaleciam até então. O nascimento de uma instituição é, portanto, irredutível à sua função. Uma prisão não surge de uma “necessidade” de repressão, uma escola de uma “necessidade” de educação (MOZÈRE, 2004, p. 2).

As considerações de Guattari, nas conferências de Milão em 1985, são muito elucidativas por trazerem os nortes foucaultianos que o remeteram às estratégias em elaborar novos modos de enunciações. Os pontos sublinhados nos possibilitam ir em direção aos modos em que Foucault explicita sua genealogia enquanto um modo inteiramente novo de pensar as instituições e os equipamentos coletivos em termos de dispositivos de poder.

À época do *CERFI*, diversos grupos de ativismos políticos de esquerda já não conseguiam compreender as mudanças necessárias para que novas maneiras de ações de resistência pudessem entrar em cena. As ações eram norteadas pelos aspectos jurídicos e econômicos e, também, pelas análises advindas da fenomenologia, sobre a consciência constituinte e doadora de sentido; assim como as estabelecidas pelo marxismo em torno das infra e superestruturas, as quais já não surtiem mais efeitos transformadores.

Os encontros de Foucault com Guattari decorrem das insatisfações de ambos mediante as impotências dos grupos ativistas em encontrar as saídas mais adequadas para os impasses

políticos. Os aspectos das microfísicas dos poderes e das micropolíticas dos desejos começam a aparecer mediante tais circunstâncias.

Liane Mozère em seu artigo “Foucault e CERFI: instantâneos e atualidades” expõe como aconteceram os encontros entre Foucault e Guattari a partir das pesquisas em torno das instituições. O artigo destaca a participação do Guattari enquanto um ativista decepcionado com os modos das políticas exercidas pela esquerda dita revolucionária. Os encaminhamentos que sublinhamos são justamente aqueles de fazer as ressonâncias dos encontros em Foucault e Guattari reverberarem nos tempos atuais. As condições reais pelas quais trataram as microfísicas dos poderes e as micropolíticas dos desejos trazem virtualidades que começam por serem atualizadas no século XXI. Vejamos as orientações de *Liane Mozère*:

Em 1965, um grupo de jovens opositores de esquerda do stalinismo, recém-saídos de uma exclusão formal da União dos Estudantes Comunistas, uma organização atípica e até então em grande parte “antipartido”, conheceram um personagem estranho que os introduziu a horizontes inesperados onde a política e o inconsciente estavam ligados: Félix Guattari. Este militante trotskista, em busca de outras formas de organização política, visitou a Iugoslávia da autogestão e a China de Mao, e trabalhou na clínica psiquiátrica de La Borde onde, após as experiências inaugurais iniciadas na época da Guerra Civil Espanhola por François Tosquelles em Saint-Alban, os princípios verdadeiramente subversivos da experiência de Lozère na recepção da loucura foram postos em prática (MOZÈRE, 2004 p. 1).

Sendo assim, noções como modos de subjetivação e produção de subjetividade já eram problematizadas nos encontros do CERFI, porém, não acentuadas. Não estamos fazendo uma pesquisa cronológica, nem temos a pretensão de sinalizar as evoluções dessas noções nos dois pensadores. As nossas questões são justamente as de compreender como elaboraram novos modos de expressão que, por exemplo, coincidem quando aqui esboçamos a noção de diagrama. Na verdade, diagramas são compreensões do espaço que nos possibilitam, através de grafias, apresentar linhas de forças que passam pelas formas de sermos sujeitos; os movimentos de forças que instituem direções determinando as dimensões do e no espaço.

Foi pelas singularidades que compõem esse grupo, unido tanto por convicções quanto por sentimentos, que se deu um encontro decisivo, tanto intelectual quanto humano. E suas vidas estavam, sem que eles realmente soubessem, sendo desviadas de seu caminho previsível e esperado. A exposição repentina à loucura, tanto cotidiana quanto radicalmente estranha, o confronto com perturbações intelectuais e pessoais pela irrupção inesperada da análise do inconsciente assim praticada, levaram-no a tomar caminhos não sinalizados e arriscados, que podiam assumir sucessivamente a forma de um turno noturno na enfermaria do Parc e da participação nos seminários de Lacan às terças-feiras na rue d’Ulm. Assim, evocar a figura de Michel Foucault, que deu direção científica aos primeiros trabalhos do Centro de Estudos, Pesquisas e Formação Institucional (CERFI), grupo de pesquisa criado por iniciativa de Guattari em 1967 e que reúne esses antigos militantes, exige adotar uma posição capaz de articular aportes teóricos – a abordagem genealógica – e questões (micro)políticas (MOZÈRE, 2004, p.1).

As posições revolucionárias de Foucault e Guattari aparecem de modos relevantes as atuações em grupos de pesquisas que destacam o que na época era o foco dos interesses por parte da dissidência intelectual de esquerda. As peculiaridades que envolvem as trajetórias de Guattari deixam evidenciar inúmeros grupos e coletivos que foram formados em torno das pesquisas com foco nas instituições: 1) CERFI Centro de Estudos, Pesquisa e Formação Institucional; 2) FGERI Federação de Grupos Institucionais de Estudos e Pesquisas (FGERI); 3) GtPsy - Grupo de Trabalho de Psicoterapia e de Socioterapia Institucional. Foucault, por sua vez,

já havia criado em 1971 o GIP (Grupo de Informação sobre Prisões), liderando atividades políticas baseadas no mesmo contexto de outros grupos: o GIS (Grupo de Informação em Saúde), o GISTI (Grupo informação e apoio aos imigrantes) e o GIA (Grupo de Informação sobre Asilo).

As linhas de atuações convergem para o que denominamos enquanto noções comuns aos dois pensadores: os diagramas. Os nossos estudos para encontrar as condições pelas quais os novos modos de expressão elaborados em meio às recusas pelas concepções teóricas vigentes nos levam em direção às relações entre saber, poder, instituições e diagramas. Diagramas são espaços que geram novas maneiras de visibilidades a partir das arquiteturas emergentes dos hospitais, assim como as novas formações discursivas fazem o vocabulário utilizado pelas populações ganharem alterações. Sendo assim, os diagramas se entrelaçam às formações discursivas acompanhadas do gerenciamento dos corpos em seus gestos, movimentos e condutas. O que não podemos esquecer de assinalar são as matérias não formadas e as virtualidades que ainda não foram formalizadas. Os diagramas, portanto, atuam justamente nestes meios em que as forças, as singularidades, pululam, no momento em que os signos ainda não foram aprisionados num plano ordenado pelas imposições significantes. Para Foucault,

[...] cidade pestilenta, estabelecimento panóptico, as diferenças são importantes. Elas marcam, com um século e meio de distância, as transformações do programa disciplinar. Num caso, uma situação de exceção: contra um mal extraordinário, o poder se levanta; torna-se em toda parte presente e visível; inventa novas engrenagens; compartimenta, imobiliza, quadricula; constrói por algum tempo o que é ao mesmo tempo a contracidade e a sociedade perfeita; impõe um funcionamento ideal, mas que no fim das contas se reduz, como o mal que combate, ao dualismo simples vida-morte: o que se mexe traz a morte, e mata-se o que se mexe. O Panóptico ao contrário deve ser compreendido como um modelo generalizável de funcionamento; uma maneira de definir as relações do poder com a vida cotidiana dos homens. Bentham sem dúvida o apresenta como uma instituição particular, bem fechada em si mesma (FOUCAULT, 1987, p. 222).

As distâncias tanto de Foucault quanto de Guattari em relação ao estruturalismo fazem com que tenhamos o cuidado em destacar as relevâncias dos diagramas elaborados por estes pensadores. Vejamos, por exemplo, como Foucault os apresenta em suas pesquisas em torno do Panóptico;

Muitas vezes se fez dele uma utopia do encarceramento perfeito. Diante das prisões arruinadas, fervejantes, e povoadas de suplícios gravadas por Piranese, o Panóptico aparece como jaula cruel e sábia. O fato de ele ter, até nosso tempo, dado lugar a tantas variações projetadas ou realizadas, mostra qual foi durante quase dois séculos sua intensidade imaginária. Mas o Panóptico não deve ser compreendido como um edifício onírico: é o diagrama de um mecanismo de poder levado à sua forma ideal; seu funcionamento, abstraindo-se de qualquer obstáculo, resistência ou desgaste, pode ser bem representado como um puro sistema arquitetural e óptico: é na realidade uma figura de tecnologia política que se pode e se deve destacar de qualquer uso específico (FOUCAULT, 1987, p. 226).

Percebendo isso, Guattari, em sua conferência em Milão, em 1985, não deixou de aproximar seus diagramas do modo como Foucault articulou seu pensamento em torno dos enunciados. As sutilezas de distinguir os enunciados tanto das frases quanto das proposições instigam Guattari a aproximá-los dos diagramas.

[...] voltemos ao traço que talvez mais essencialmente nos liga a Michel Foucault, nomeadamente uma recusa comum em expulsar as dimensões da singularidade do objeto analítico e dos seus procedimentos de elucidação: "O tema da mediação universal, escreve

ele, é uma forma de elidir a realidade do discurso. E isso apesar das aparências. Porque parece à primeira vista que encontrar por toda parte o movimento de um logos que eleva as singularidades ao conceito e que permite à consciência imediata desdobrar finalmente toda a racionalidade do mundo, é de fato um discurso – mesmo que colocamos no centro da especulação” (GUATTARI, 2004, p. 79).

As pesquisas de Guattari em torno da linguagem e a sua aproximação de Foucault indica acentuar em seu pensamento uma tendência em destacar a relevância da enunciação em detrimento da narrativa.

[...] esta reintegração da singularidade baseia-se, em Michel Foucault, na sua concepção muito particular do enunciado que já não representa uma unidade da mesma espécie da frase, da proposição ou do ato de fala, e que, conseqüentemente, já não pode funcionar como título de segmento de um logos universal esmagando contingências existenciais. A sua origem já não é, portanto, apenas a de uma relação de significação, articulando o significante e o significado, e de uma relação de denotação de um referente, mas é também uma capacidade de produção existencial (que, na minha própria terminologia, chamei isto “função diagramática”) (GUATTARI, 2004, p. 80).

Nesse sentido, dessas breves notas sobre os diagramas, que as elaborações filosóficas e os novos modos de expressão trazidos por Foucault e Guattari, apresentaram-se como um processo diagramático, constituindo-se como práticas transversais, imprimindo tônicas de ações e de resistências.

Considerações finais

As nossas incursões são orientadas pelas linhas de aproximação entre Félix Guattari e Michel Foucault, sobretudo, as que se evidenciam a partir da conferência de Guattari pronunciada em Milão no ano de 1985, em homenagem a Michel Foucault. Em nosso artigo, procuramos em Guattari e Foucault uma relação de animação da linguagem ressequida em sua forma pura e vazia. Assim, após tomar como foco as pesquisas foucaultianas em torno das formações discursivas, Guattari fez de sua própria investigação um conjunto diagramático de descrições das instâncias em que são geradas a discursividade de grupos e instituições sociais.

As noções comuns entre Foucault e Guattari são aquelas que dizem respeito às preocupações com os espaços em que as relações de poder ficaram acentuadas. As mudanças já percebidas por Foucault, em relação aos hospitais desde o século XVIII ao XX, levaram-no a tratar as formações discursivas que emergiram daí, provocando rupturas face às teorias em voga. Em nossos aportes os modos pelos quais os dois pensadores fazem usos dos diagramas são os pontos em que convergem e ao mesmo tempo se distanciam dos discursos.

A consideração foucaultiana do *panopticum* como um diagrama de vigilância, e não como edifício onírico, fornece os requisitos para continuarmos desenvolvendo pesquisas em torno das zonas de visibilidades e invisibilidades dadas nos esquadrinhamentos dos espaços de convivência. As instituições aparecem e emergem em meio ao que Guattari se apraz em sublinhar: como efeito de um diagrama de controle com limites flexíveis.

Desse modo, as relações entre subjetividade, linguagem, trabalho e vida aparecem tanto em Foucault quanto em Guattari, tais relações são permeadas de deslocamentos espaciais e de transformações de ordens discursivas. Guattari e Foucault se aproximam assim por zonas de vizinhanças, pela atenção voltada às configurações do espaço e dos enunciados, num desenho ético-político diagramático.

A conferência de Félix Guattari em 1985 ainda tem muito por ser explorada. No geral, destaca-se a sua admiração pelo desejo afirmativo de Foucault, na medida que o pensador da *História da Loucura* o inspira a formular seus diagramas a partir do que nos faz ver e dizer. Para Guattari, os diagramas foucaultianos repercutiam em suas próprias práticas de meta-modelização. Isto é, práticas terapêuticas em que o que se sente, se fala e, portanto, se expressa, não deixa de operar novos agenciamentos e conexões em cada caso clínico singular. Os pensamentos diagramáticos de Guattari aparecem esboçados desde o início de seu livro *O Inconsciente maquínico*.

A metamodelagem esquizoanalítica elaborada por Guattari deriva das suas experiências junto aos esquizofrênicos da Clínica *La Borde*. As estratégias psicóticas para configurarem e fazerem funcionar outros mundos, indica a Guattari apenas um tangenciamento e tomada de distância de subjetividades em relação aos modelos sociais padronizadores. A prática da esquizoanálise estaria em consonância, portanto, a um modo singular de se operar experimentações de metamodelagens. Observamos assim que os enunciados e diagramas de Foucault não deixam de acompanhar as práticas clínicas de Guattari. A filosofia de Foucault indica ter expressado muito bem estes processos de alterações qualitativas a partir de novos problemas em torno dos modos de subjetivação; provocando aberturas diagramáticas em campos políticos e micropolíticos.

As considerações de Guattari em torno de suas derivas em relação a Freud e Lacan trazem estes contágios proporcionados por Foucault, sobretudo, quando as metamodelizações elaboradas na clínica possuem o intuito de fazer os psicóticos ganharem subjetividades inteiramente novas. Guattari, ao fazer as suas metamodelizações, está a endossar atos clínicos de criação em direção aos novos modelos que diferem radicalmente daqueles aplicados na psicanálise, por exemplo.

Construir novos modelos é construir então uma nova subjetividade. De certa forma, diz Guattari, que a subjetividade passa a ser vista como uma atividade de metamodelagem. Noutros termos, como um processo de auto-organização, singularização, que não pretende promover a repetição de um programa didático. A metamodelagem em relação às subjetividades constitui, por conseguinte, redes amplificadas de conexões humanas e inumanas para escapar dos sistemas de modelagem nos quais estamos enredados e que estão em processo de nos poluir completamente, tanto nossa cabeça, quanto nosso coração.

A metamodelagem produtiva libera assim as subjetividades dos modelos normalizadores. A modelagem psicanalítica e capitalista padrão difere da metamodelagem esquizoanalítica de várias maneiras. A metamodelagem de Guattari promove uma política bibliotecária radical, pois, cria um mapa singularizante da psiquê. Reconhece e até toma emprestado modelos existentes. Permite construir seus próprios modelos. Pode transformar uma existência mostrando caminhos para sair de modelos nos quais alguém pode ter ficado inadvertidamente preso. Em vez de olhar para o passado, olha para as possibilidades futuras.

Desses traços breves da clínica esquizoanalítica formulada por Guattari não podemos deixar de grifar a imensa contribuição de Michel Foucault. Foucault surge como um pensador que o auxiliou a explorar campos de subjetivação fundamentalmente políticos e micropolíticos. E, além disso, a analítica foucaultiana do poder também apontou modos de resistência aos termos pseudouniversais de nossa constituição psíquica inconsciente; seja em contraposição ao freudismo ou, ainda, seja contra os matemas do inconsciente lacaniano. Dessas preliminares notas diagramáticas entre Guattari e Foucault destacam-se aqui ferramentas conceituais, críticas e clínicas, importantes de mapeamento e transformação dos nossos modos atuais de nos tornarmos subjetividades.

Referências

- FOUCAULT, M. *A história da loucura na idade clássica*. 8. ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- FOUCAULT, M. *Arqueologia do saber*. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.
- FOUCAULT, M. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- FOUCAULT, M. *História da sexualidade: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 2011.
- FOUCAULT, M. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 2006.
- FOUCAULT, M. *Nascimento da biopolítica*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- FOUCAULT, M. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Tradução de Raquel Ramalhete. Petrópolis: Vozes, 1987.
- GUATTARI, F. Microphysique des pouvoirs et micropolitique des désirs. *Chimères Revue des schizoanalyses*, n. 54-55, p. 73-83, 2004.
- GUATTARI, F. *O inconsciente maquínico*. Campinas: Papirus Editora, 1988.
- GUATTARI, F. *Psicanálise e transversalidade: ensaios de análise institucional*. Aparecida: Ideias e Letras, 2004.
- MOZERE, L. Foucault et CERFI. *Le Portique Revue de philosophie et de sciences humaines*, n. 13-14, p. 1-12, 2004.
- TAGA, S. Foucault et Guattari au croisement de la théorie du micro-pouvoir et la psychoterapie institutionnelle". In: *Usages du Foucault*. Paris: Presses Universitaires de France, 2014.

Sobre o autor

Luiz Manoel Lopes

Doutor em Filosofia pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Professor adjunto de Filosofia da Universidade Federal do Cariri (UFCA).

Recebido em: 20/06/2025
Aprovado em: 03/07/2025

Recebido em: 06/20/2025
Approved in: 07/03/2025